

A ÁRVORE DAS COMPETÊNCIAS EM CRIATIVIDADE: ÁRVORE DO CONHECIMENTO E DA VIDA

2016

João Luís Cruz Bucho

Psicólogo, Membro Efectivo da OP n.º 10664

Mestre em Criatividade e Inovação, Doutor em Psicologia

Membro fundador da Vivenciarte-Associação Internacional de Terapias Expressivas

Autor do livro “*As terapias expressivas e o barro: espelho do corpo e da alma*”

E-mail de contato:

joaobucho@oninet.pt

www.joaoluisbucho.com

RESUMO

Ao longo deste artigo de reflexão, será apresentado a árvore de competências em criatividade e a sua relação com a árvore do conhecimento dos biólogos chilenos Maturana e Varela (1995), realçando a importância da construção do conhecimento e do desenvolvimento do ser humano como um processo autopoietico. A epistemologia de Maturana e Varela vem dar um forte contributo em várias áreas do saber, nomeadamente no campo da Educação, Social e na Saúde, já que os sistemas autopoieticos são auto produtores, o que implica uma constante capacidade de renovação, autonomia e responsabilidade do sujeito, como ser vivo, activo e auto criador.

Palavras-chave: Criatividade, conhecimento, educação, saúde, complexidade, autopoiese, subjectividade.

DESENVOLVIMENTO

Vivemos num mundo global e globalizado, caracterizado por transformações tão rápidas ao nível da ciência e da tecnologia, daí que importa cada vez mais reconhecer e valorizar todo o potencial humano, que deverá ser estimulado e desenvolvido no sentido de se promover o bem-estar individual, social e até mesmo o progresso mundial. A nova era, a era do conhecimento, da



informação, da tecnologia, traz consigo novos desafios, novos ambientes, muito mais dinâmicos, interactivos e competitivos, exigindo pessoas com um maior número de conhecimentos, competências, habilidades, atitudes e valores. Exige-se pessoas produtivas, criativas, criadoras e transformadoras.

O mercado de trabalho, tendo por fim último a produtividade, a geração de lucro, cada dia que passa torna-se mais exigente e competitivo e procura os profissionais mais competentes e melhor apetrechados para fazer face a estes novos desafios e enormes possibilidades de promover o sucesso. Esta nova realidade política, social e económica, mas também técnica e científica, exige a necessidade cada vez maior de se encontrarem pessoas inovadoras e criativas, dotadas de novas competências, capazes de actuar de forma integrada e integrativa com os outros elementos da organização, respeitando e inovando a cultura organizacional, assumindo uma postura proactiva, contribuindo para que a empresa alcance os seus objectivos, sugerindo e propondo novas formas de pensar e resolver os problemas.

Deste modo, a selecção de pessoas para uma organização passa assim a ocupar lugar de destaque, revelando-se de enorme importância, já que as pessoas são o principal activo de uma organização. O elemento humano revela-se de extrema importância nas organizações e nas estratégias de gestão. Daí torna-se cada vez mais importante recrutar a pessoa certa, para o lugar certo. Traçam-se perfis de competências desejados e esperados dos sujeitos a seleccionar, tendo por base as tarefas a desenvolver, os objectivos e as necessidades da organização.

Dos vários métodos utilizados, a selecção por competências vem ganhando cada vez mais um maior número de adeptos, no sentido de melhorar a selecção dos candidatos a um determinado cargo, função e/ou tarefa.

Neste sentido, através da psicologia social e organizacional, chegamos à metodologia STAR¹, (situação, tarefa, acção e resultados), utilizada na avaliação e selecção de pessoas, tendo por base a gestão das suas competências. Trata-se de um modelo preconizado por Herbert Kellner, difundido nos Estados Unidos e cada vez mais utilizado na Europa no que diz respeito à administração e gestão dos recursos humanos, a que várias empresas e instituições recorrem, para competirem com maior sucesso no mercado actual.

O autor, utiliza a metáfora da árvore, através dos seus três componentes (raízes, tronco e copa) para indicar os três indicadores de uma competência, comparando o desenvolvimento do Ser Humano ao processo de crescimento de uma árvore.

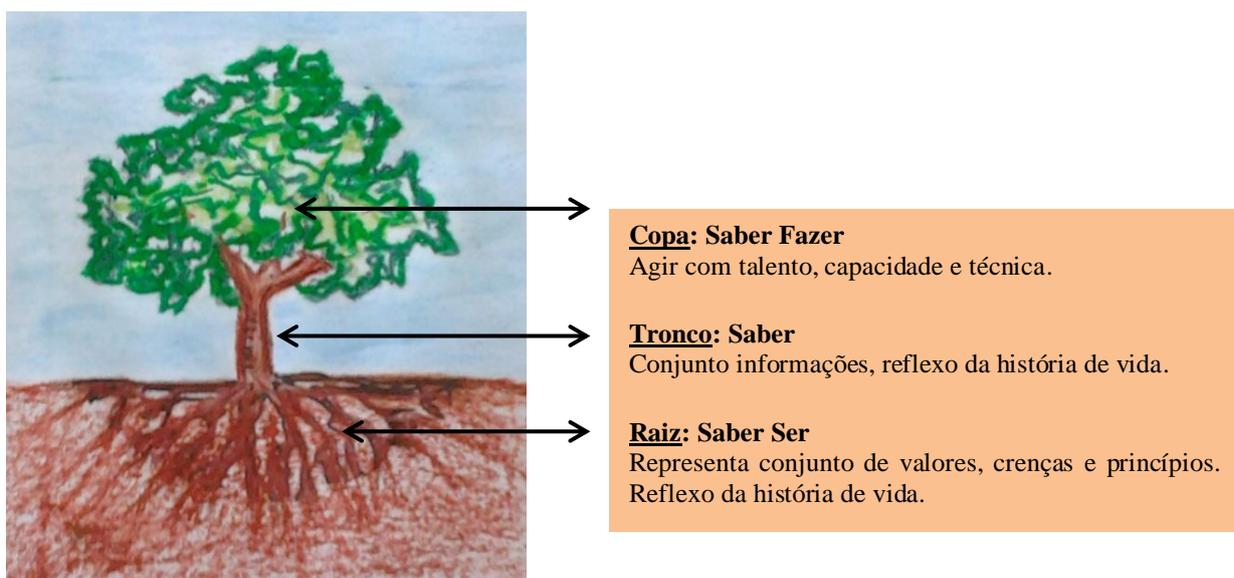
¹ Desenvolvida pelo Dr. Herbert Kellner, do Institute of Training and Development, USA, e que constitui a base conceptual do processo de selecção por competências. Através de diversas actividades, tais como jogos, dinâmicas, estudos de caso, testes e entrevistas comportamentais, procura-se simular situações que o potencial candidato efectivamente vivenciou, ou vivenciará na sua nova actividade, percebidas tendo por base as quatro vertentes do modelo: S = Situação; T = Tarefa; A = Acção; R = Resultado. (Retirado de: <http://www.usou.edu>)

A **raiz** corresponde às **atitudes**, representa a disposição interna do indivíduo face a um elemento do mundo externo e que orienta a sua conduta. Doron & Parot (2001), dizem que a maioria dos autores identifica a atitude, como sendo uma estrutura integrativa tridimensional, englobando as seguintes componentes ou dimensões: cognitiva, afectiva e conativa (tendência de acção).

Podemos afirmar que as atitudes têm a ver com a combinação de crenças, de valores, sentimentos, julgamentos e princípios, favoráveis e desfavoráveis, que ao longo da vida vão determinar o grau de envolvimento, comprometimento e realização das pessoas com os projectos pessoais e colectivos. Embora apresentem uma certa elasticidade, podendo ser mudadas ao longo da vida, a sua estabilidade é constantemente confrontada e até mesmo ameaçada, perante acontecimentos marcantes, assim como devido às diversas mudanças que a sociedade contemporânea atravessa e que têm forte impacto no indivíduo.

As raízes são a base que fixam e alimentam o conhecimento – tronco da árvore, que por sua vez dá sustentação às folhas, flores e frutos, que representam o resultado da habilidade de alguém quando posta em prática.

As atitudes predizem frequentemente o comportamento, determinam o nível de confiança entre as pessoas, o clima de trabalho, as metas organizacionais e em consequência os resultados maximizados. Da mesma forma que na árvore, as atitudes são fruto da história de cada pessoa, se for bem cuidada e cultivada no seu desenvolvimento/trajectória, terá raízes fortes que sustentarão o tronco e favorecerão a formação de copas produtivas e com bons frutos. Caso contrário, a árvore não se desenvolverá bem e precisará sempre de “apoios” e “suportes”, para se desenvolver. É fruto da história do indivíduo (Gramigna, 2002, 2006).



Fonte: Desenho efectuado pelo autor do trabalho

O **tronco** corresponde ao **conhecimento**, traduz o conjunto de informações, que se tem a respeito das coisas, que a pessoa armazena e utiliza quando precisa. Tentarmos definir de onde vem o conhecimento é uma tarefa difícil que implicaria revermos as teorias filosóficas, psicológicas, sociais e humanas, mas de forma geral, podemos dizer que o conhecimento advém do contacto e da abertura com o exterior, das visitas, das viagens, das leituras, das exposições, seminários e eventos em que participamos, das experiências, dos sentidos, da relação que se estabelece com os diversos objectos, da apropriação de um conjunto de dados, informações e conceitos que vamos armazenando ao longo da nossa vida.

Quanto maior for o conhecimento, maior será o domínio de competências em determinada área, possibilitando ao individuo enfrentar melhor os desafios da vida pessoal, profissional e social. Cada local, cada povo, cada cultura, exige conhecimentos específicos em determinada área.

A **copa** (as folhas, flores e frutos) representa as **Habilidades** adquiridas e disponíveis para a realização do trabalho. Trata-se do conhecimento de forma adequada, ou seja actuar com capacidade e técnica, conseguindo resultados positivos. Muitas pessoas acumulam e têm grandes reservas de conhecimentos, mas demonstram grande dificuldade em utilizá-lo, outros há que, nunca fazem uso dele. Poderá ser comparado a uma grande caixa cheia de informação, mas como não a abrimos nunca temos acesso a este tipo de informação. Trata-se de não usufruirmos de algo que possuímos, que construímos dia a dia e que nunca iremos beneficiar do seu conteúdo, porque nunca o utilizamos, exploramos e investigamos.

Com isto queremos afirmar que as **Habilidades** têm de ser utilizadas e o sujeito tem de demonstrar as competências na prática, através das acções. Pouco ou nada vale coleccionar cursos, formações e conhecimentos teóricos e práticos sobre determinadas áreas e posteriormente estas não serem úteis para o individuo e para o grupo, instituição e meio social em que está inserido.

Daqui resulta a importância e a necessidade que qualquer sujeito, instituição e comunidade, devem ter no sentido de investirem no campo da criatividade e da inovação. Reconhecer a importância da criatividade como sendo universal e estando presente no ser humano, envolvendo aspectos subjectivos e intersubjectivos, numa dimensão integradora, sendo o seu desenvolvimento influenciado tanto por processos interactivos, quanto pelas experiências subjectivas de cada individuo. Trata-se de uma ferramenta-chave para o desenvolvimento do individuo, do grupo, das instituições e da comunidade, promovendo o progresso individual e social, ao mesmo tempo que promove o bem-estar e o desenvolvimento harmonioso e integral;

De forma geral, podemos facilmente verificar que se cada uma das diferentes partes, componentes da árvore (raízes, tronco e copa) receberem o tratamento adequado, formarão um

todo integrado e integrativo, sendo que a árvore irá crescer de forma sadia. Raízes fortes permitem que o tronco se possa desenvolver de forma consistente, dando-lhe sustentabilidade para poder suportar a copa, com as folhas, flores e até mesmo os frutos. Assim poderá resistir a calamidades naturais, como por exemplo tempestades e ventos mais agrestes e violentos.

*“ (...) Como pode este ramo aguentar semelhante fruto?
poder-se-á pensar –
Se não se souber que és tu a árvore, a raiz.”*

(Chetwynd, 2004:7)

Esta metáfora poderá ser extensiva ao Ser Humano, sendo bem ilustrativa do reconhecimento da necessidade de existir um forte investimento na educação e nos cuidados relacionais com a criança, com o jovem e o adulto, proporcionando-lhes todas as oportunidades para assegurar um crescimento e desenvolvimento harmonioso e saudável e poder assim crescer. Desta forma, desenvolve as inúmeras potencialidades que possui, com uma maior possibilidade de se tornar numa pessoa, num cidadão responsável, adulto, apto a resolver situações adversas, dotando-o de uma personalidade integrada, com identidade bem definida.

Se inicialmente ao falarmos no processo de desenvolvimento, apenas nos referíamos à infância, actualmente é reconhecido que todos nós continuamos a mudar, à medida que passamos pelas diferentes fases e ciclos de vida. Uma característica geral do desenvolvimento é ser progressivo, é como um processo de crescimento, continua depois da infância e termina apenas na morte. Daqui resulta a importância da integração, alimentação e preservação das diferentes potencialidades, competências, do ser humano, ou de outra forma no respeito das diferentes partes componentes da árvore.

Um exemplo em que podemos facilmente visualizar a importância dos cuidados educativos, das fortes raízes, ou de outra forma as consequências negativas que resultam da sua ausência, podem ser encontradas nos casos das “crianças selvagens”, que vivem abandonadas em florestas sendo adoptadas e criadas por animais, tais como lobos e ursos. Comportam-se como verdadeiros animais, mantendo a mesma aparência que estes, não conseguindo desenvolver as suas diversas potencialidades e adaptam-se ao meio, sobrevivendo como animais. Na maior parte dos casos conhecidos após a sua descoberta, as crianças foram integrados na civilização, contudo têm demonstraram grande dificuldade em se adaptar e mesmo em sobreviver.

Daqui concluímos, que se verificarem as condições adequadas para o crescimento e desenvolvimento harmonioso, da árvore ou seja do Ser Humano, as pessoas crescerão de maneira a realizarem todo o seu potencial, ou como Rogers (1997) afirmava, as pessoas atingirão um saudável sentido de si-próprios se dispuserem de um clima emocional adequado.

Em relação ao valor simbólico e tal como Lexicon (1992) indica, a árvore é um dos símbolos mais significativo e difundido do reino vegetal.

Representa um símbolo do processo da vida, que passa pelo crescimento e pela morte. Destacamos a conhecida árvore da vida, como símbolo de ascensão, árvore que aponta para o céu e constitui o meio de ascensão, mais primitivo (Chetwynd, 2004).

Como símbolo universal, reflecte a imagem do Ser Humano. No campo psicológico é muitas das vezes utilizada com teste projectivo, através do desenho da árvore² para aferir determinados aspectos da personalidade do indivíduo.

Ao abordarmos a árvore das competências em criatividade, espaço para referirmos os trabalhos de dois biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela, através do livro “*A árvore do Conhecimento*”. Trata-se de uma obra já considerada um clássico da literatura científica, cujas ideias têm vindo a influenciar actualmente várias áreas do conhecimento. Os autores defendem que a vida é um processo de conhecimento e os seres vivos constroem este conhecimento através da interacção e não através de uma atitude passiva.

Célebre é a concepção defendida por Maturana & Varela (1995), quando afirmam que “*Conhecer é viver, e viver é conhecer*”, onde através da *biologia do conhecer*, vêm realçar que através desse diálogo conhecer-viver-conhecer, está directamente relacionado com o modo de nos relacionarmos e organizarmos nessa relação.

Maturana e Varela (1995), defendem que não é possível falar de conhecimento sem falar da vida, consideram a vida como sendo um processo contínuo de conhecimento, daí ser necessário a compreensão dos mecanismos que o ser humano utiliza para conhecer o mundo. O mundo em que vivemos é uma unidade, um sistema onde tudo está interligado.

Através da nossa própria trajectória de vida, construímos e reconstruímos o conhecimento do mundo e de nós mesmos, da mesma forma que o mundo é construído por nós num processo interactivo, dialéctico e dialógico. A vida é um convite aberto à participação activa do sujeito nessa construção. Trata-se de um processo onde o sujeito é encarado como um ser activo, dinâmico e responsável por todo o processo. Um processo transformador, no qual o sujeito e o mundo, como seres vivos, saem transformados. Maturana e Varela reforçam esta ideia, indicando que o mundo não nos é oferecido de forma já pronta e definitiva, mas sim é construído ao longo da interacção que mantemos com ele, ao longo da nossa vida.

Para definir a organização do sistema vivo, foi utilizado o termo *autopoiese*, que deriva das palavras gregas, *auto* (próprio) e *poiesis* (criação). Trata-se assim de um processo de criação

² Actualmente o *House-Tree-Person Test* ou o Teste do Desenho da Casa – Árvore – Pessoa, de John Buck, é um dos testes gráficos projectivos mais conhecidos (HTP - Buck, 2003).

e auto-criação, que se autodefine e autoproduz continuamente, de forma circular. Desta forma, através da interactividade existente entre sujeito e objecto, procede-se à renovação constante dos elementos desgastados, à medida que se produz a identidade e se faz a distinção de si e do seu ambiente. Um sistema autopoietico é assim ao mesmo tempo, produtor e produto, já que os sujeitos, ao mesmo tempo que constroem o conhecimento, são por ele constituídos. Ou dito de outra forma, aprendemos vivendo e vivemos aprendendo. Quer isto dizer que à medida que construímos o mundo, somos constituídos por ele.

Esta concepção autopoietica opõe-se à ideia da educação tradicional, onde tudo nos chega já pronto, de forma definitiva, através da exposição, transmissão automática, instrumental, mecânica, rotineira, racional, onde o corpo é afastado, onde o sujeito é um objecto passivo de absorção, acumulação e reprodução de conhecimentos e conteúdos, sinónimo da educação formal.

Através do conceito de “*autopoiese*”, os autores descreveram a forma como as diferentes partes de um organismo interagem para manter a vida. Esta interacção não é efectuada no organismo de forma isolada, mas sim na tríade indivíduo-outro-natureza.

Trata-se de uma mudança epistemológica, uma **mudança de paradigma**, aceitarmos o sujeito como elemento activo, como o centro de tudo, respeitarmos o sujeito, as suas subjectividades, as suas singularidades, quer no campo da educação, quer no campo da saúde, ou no campo institucional e comunitário. Se no campo da educação, esta deverá deixar de estar centrada apenas na transmissão vinda do exterior, na figura do professor, do mestre, baseada em conteúdos que nada têm a ver com a realidade actual, promovendo a postura passiva, espectadora e consumidora do educando; no campo da saúde a intervenção terá de abandonar a ideia central da patologia e do diagnóstico da doença, enfatizando os sintomas físicos, para passarem a ter no centro o sujeito, a sua dimensão subjectiva.

Atendendo aos vários contextos, tratar-se-á de promover um novo olhar, uma nova visão polissémica e multi referencial, oferecendo novos caminhos e novas rotas a serem trilhadas, resgatando a verdadeira dimensão humana da aceitação, da socialização, do cuidado e do cuidar com atenção e humanidade. Tratar-se-á de suplantiar os espaços e as concepções que ainda se encontram muito enraizados no paradigma racionalista, conhecido pelo paradigma tradicional, de natureza positivista, que defende que o conhecimento constitui um fenómeno que apenas tem a ver com a dimensão cognitiva, o intelecto humano, subalternizando as cinco dimensões sensoriais, afastando e ignorando por completo o intuitivo e o afectivo, sendo até consideradas como fontes de erro.

Tendo como referencial teórico a abordagem sistémica e humanista, temos uma educação e uma prevenção da saúde mais holística, cuja preocupação maior é o sujeito, como ser total,

integral e integrativo. O sujeito na sua verdadeira totalidade, Universal, como ser vivo, vivendo e interagindo de forma dinâmica no meio, afastando e superando qualquer ideia de fragmentação e até mesmo de interpretação.

Através do estudo dos dois biólogos, descrito na obra *“A árvore do conhecimento”*, podemos verificar a ruptura com o pensamento moderno ocidental, estimulando o pensamento sistémico e daí podemos retirar duas grandes conclusões: (1) o conhecimento não se limita ao processamento da informação oriunda do meio exterior à experiência do observador, por outro lado; (2) reconhece que o ser humano é activo, responsável e autónomo, auto reprodutor, sendo capaz de produzir o seu próprio conhecimento, ao interagir com o meio.

A autonomia diz respeito à sua capacidade de criação, de produção de conhecimento e implica uma atitude viva, activa e não passiva, dependente das orientações vindas do exterior. Por ser autopoiético, o ser vivo é dotado da capacidade de autocriação e autoconstrução, daí ser autónomo. O sujeito é o verdadeiro protagonista, ser activo, criativo, actor e autor no seu processo de desenvolvimento, capaz de promover e monitorizar as diversas capacidades de sentir, pensar, agir e simbolizar.

Da mesma forma que a árvore, não pode ser encarada de forma isolada, já que faz parte integrante da natureza, sendo constituída por diversos elementos, pode-se afirmar que o Homem e a realidade não podem mais ser olhados como entidades isoladas, onde apenas uma componente, neste caso a cognitiva é valorizada e as outras são desprezadas. Dito de outra forma, o Homem não é uma entidade isolada em relação a essa totalidade complexa, é um sistema aberto (Morin, 1990), que se encontra em constante dinamismo e actividade. É graças a esta complexidade, que nos ensina que somos seres físicos, biológicos, sociais, culturais, históricos, psíquicos e espirituais.

Por isso, torna-se importante criar espaços onde se promova a ampliação da consciência de aceitação e de respeito pelo outro, respeitar as diferenças, já que o sujeito além de ser sujeito epistémico é antes de mais um sujeito sistémico, em interacção com o meio onde se encontra inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo foi apresentada a árvore das competências em criatividade relacionando-a com a árvore do conhecimento realçando a importância da construção do conhecimento como um processo autopoiético. Em relação à estrutura autopoiética, esta promove novas oportunidades da criação do novo, contribuindo para a criação de um novo futuro, oferecendo diferentes estímulos e novas oportunidades para que cada interveniente no respectivo processo, possa manifestar-se e auto revelar-se.

Ao viver, nos construímos como pessoas, somos construídos e contribuimos para a construção dos outros e daquilo que nos rodeia, em oposição, união com aquilo que os outros nos dizem, representam, confrontando ideias, sentimentos, conceitos, dados e valores.

Através desta experiência, através desta relação de proximidade, de envolvimento, através desta atitude, ampliamos o nosso conhecimento, a nossa consciência. Assim conseguimos atribuir significação à nossa experiência, podemos construir e consolidar a nossa própria identidade. Através da aceitação do outro, aprendemos a aceitarmo-nos a nós próprios, passamos da individualidade à alteridade. É graças a esta vivência, este fazer e agir no mundo, que se produz conhecimento, mudança e transformação.

Em termos teóricos, trata-se de reconhecer que o modelo positivista de produção de conhecimento, que ainda se encontra enraizado nas Ciências Sociais e Humanas, continua a hipervalorizar a razão, como sendo o centro de toda a verdade, reconhecendo apenas um modelo de saber e de cuidar único e universalmente válido, o conhecimento científico, revelando-se desta forma excessivamente redutor, simplista, fragmentário e insuficiente para responder às inúmeras exigências e à realidade do Século XXI, já que não comporta a complexidade da vida humana, não contempla a dimensão da subjectividade e da criatividade.

Neste sentido, reconhecer o conhecimento como um processo sistémico e complexo, implica aceitar que este não pode ser imposto de fora para dentro, mas é sempre autoconhecimento, sendo encarado como um processo activo, vivencial, reflexivo, crítico, criativo, lúdico, simbólico de construção e re-construção de sentidos e significados, com especial ênfase no carácter construtivo- dialógico-singular do sujeito.

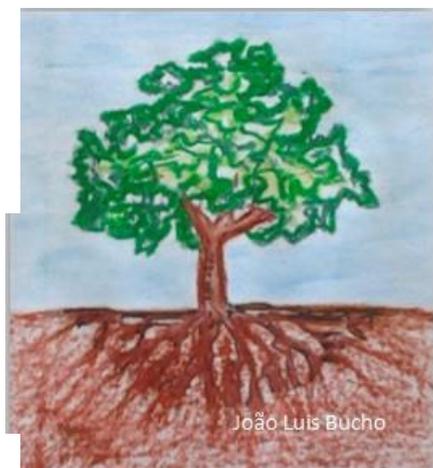
Chegamos assim facilmente à conclusão de que o conhecimento não pode ser encarado como um processo passivo, mas sim é construído, graças à força criadora e criativa do sujeito, como ser vivo. Trata-se tal como os autores definem, da *biologia do conhecimento*, que para ser conhecida terá de se fundamentar na *biologia do amor*, da aceitação, da socialização e da humanização.

Sem Amor não existirá HUMANIDADE!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Buck, J. N. (1948). The H-T-P. Test. *In Journal of Clinical Psychology*, 4:151-159.
- Chetwynd, T. (2004). *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Planeta Editora.
- Doron, R. & Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi Editores
- Gramigna, M. R. (2002). *Modelo de Competências e Gestão dos Talentos*. São Paulo: Makron Books.
- Gramigna, M. R. (2006). Árvore de Competências em Criatividade. *Revista Recre@rte N°5 Junio*. <http://www.iacat.com/Revista/recreate/recreate05/Seccion1/Competencias.htm>
- Kellner, H. (2002). *STAR: Sales Talent Assessment Review*. Institute of Training and Development. Carlsbad, CA, USA. <http://www.usou.edu>
- Léxicon, H. (1990). *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Maturana, H. E. & Varela, F. (1995). *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. São Paulo: Editorial Psy. Consultado em Janeiro de 2011 em: <http://escoladeredes.net/group/bibliotecahumbertomaturana>
- Morin, E. (1990). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Rogers, C. (1997). *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rossetto, E. (2010). A contribuição do pensamento de Maturana para a educação. *Educere et Educare – Revista de Educação*, Vol. 5 - N° 10, 2º Semestre. Versão electrónica disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare>

ANEXO



Fonte:
Desenho efectuado pelo autor do trabalho